

Economia da primeira sinais de reação

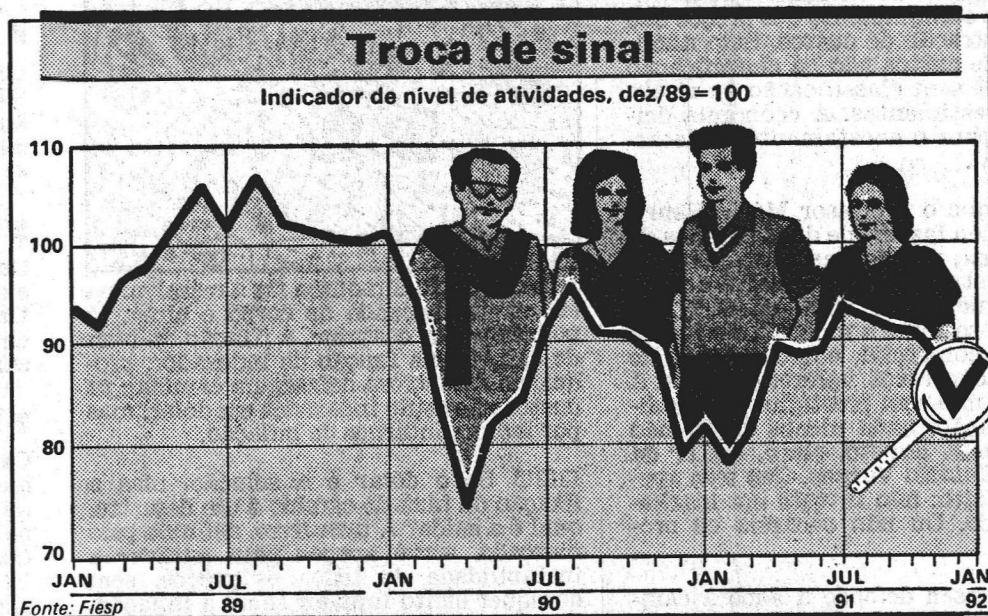
Pesquisa da Fiesp revela crescimento de 8,5% nas vendas em janeiro e empresários esperam forte recuperação no segundo trimestre

ISABEL DIAS DE AGUIAR e
CECÍLIA ZIONI

O Indicador de Nível de Atividades (INA), calculado pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), teve expansão de 2,1% em janeiro em relação a dezembro. Se a comparação for feita com janeiro de 1991, o crescimento foi ainda maior: 3,5%. As vendas tiveram expansão de 8,5% no mês. Os números provocaram análises otimistas de empresários e economistas do Conselho Superior de Economia da Fiesp, reunido ontem para analisar a conjuntura. A conclusão do encontro foi de que há uma firme tendência de recuperação da atividade econômica no segundo trimestre.

Com a manutenção da política cambial, haverá uma retomada das atividades. Além de expansão das exportações, espera-se também crescimento das vendas ao mercado interno porque os indicadores da Fiesp mostram uma queda nos estoques das empresas. Há outros fatores que estimulam o otimismo dos integrantes do Conselho de Economia da Fiesp. O nível recorde das reservas cambiais, hoje em torno de US\$ 11 bilhões, é um deles. A expectativa de uma boa safra agrícola também contribui para que as empresas se preparem para um melhor desempenho a partir de abril. Com uma oferta maior de produtos agropecuários no mercado, a tendência é de estabilização da inflação e de melhora do poder aquisitivo da população ligada à atividade agrícola.

Capital — Mas há outros indicadores positivos na economia, segundo Boris Tabacof, diretor da Fiesp e porta-voz do Conselho. Ele citou a reativação do mercado de capitais, que favorece o lançamento de ações no mercado primário. Com isso, as empresas ficarão mais capitalizadas e o impacto da política de juros altos do governo será reduzido, afirmou Tabacof. “O mercado de capitais tem sido favorecido pela decepção dos investidores estrangeiros



em relação ao Leste Europeu.”

No comércio, o otimismo da indústria é visto ainda com cautela. Há um descompasso entre o movimento de um e outro setor, afirmou Antônio Carlos Borges, superintendente-técnico da Federação do Comércio do Estado de São Paulo. Os lojistas repuseram estoques em janeiro, quando vendiam pouco e se preparavam para a volta das férias dos clientes. Em fevereiro, a reposição tem sido mais lenta, acompanhando a cautela do consumidor. Por isso, a expectativa do comércio é de que o ritmo se mantenha fraco por todo o semestre. O consumidor, disse Abram Szajman, presidente da Federação, continua precavido, preferindo aplicar eventuais sobras de renda. “Está claro que qualquer aumento real de renda tão cedo não irá para o comércio.”

A previsão de aumento real de vendas de 2% em fevereiro, feita no começo do mês pela Federação do Comércio no Estado de São Paulo, pode não se

confirmar. Exceto nos supermercados e nas lojas de material de construção, as vendas estão abaixo do previsto, informou Borges. Na Associação Paulista de Supermercados, a previsão é de vendas 8% maiores em fevereiro do que em janeiro (quando o movimento foi 12% menor do que o de dezembro). Os supermercados tiveram bons resultados na primeira quinzena do mês e esperam que o mesmo se repita nesta semana que precede os feriados do carnaval.

Na Associação Comercial de São Paulo, os serviços de consulta (cheques e vendas a prazo) estão com movimento 8% maior do que no mês passado — que, por sua vez, tivera aumento de 4% sobre o mesmo mês de 1991. Marcel Solimeo, economista da ACSP, diz que as vendas, entretanto, continuam em ritmo lento. “Se houve alguma reação foi porque os estoques estavam muito baixos, tanto os domésticos quanto os do comércio, e, bem ou mal, alguma coisa acabou sendo comprada.”